

O apagamento do rótico no português brasileiro e no português europeu: o lido e o dito

Aline Farias (UFRJ - FAPERJ);
Departamento de Letras Vernáculas
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil
alinefarias@gmail.com

Ingrid Oliveira (UFRJ – PIBIC)
Departamento de Letras Vernáculas
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil
oliver.ingrid@hotmail.com

Abstract — *In this paper we analyze R-deletion process in Brazilian and European varieties, both in spontaneous speech and reading. The analysis makes use of sociolinguistic methodology (Labov, 1994) and the theory of prosodic hierarchy (Selkirk, 1994; Nespor & Vogel, 1986/2007) and shows that the phenomenon behaves differently in the two varieties.*

Keywords: *Rhotics; R-deletion; final coda position; spontaneous speech; reading*

Resumo – *Neste artigo, analisamos o processo de apagamento do R em posição de coda silábica final, no Português do Brasil e no Português Europeu, tanto em fala espontânea como em leitura. A análise se realiza à luz da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) e da teoria da hierarquia prosódica (Selkirk, 1994; Nespor & Vogel, 1986/2007) e mostra que o fenômeno se comporta de forma diferenciada nas duas variedades da língua.*

Palavras-chave: *Róticos; apagamento; coda final; fala espontânea; leitura*

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo verificar o apagamento variável do R, em posição de coda silábica final, confrontando fala espontânea e leitura.

Busca-se comparar os índices de apagamento do R no lido e no dito em duas variedades do português: no português do Brasil e no português europeu.

A hipótese de que esses dois tipos de elocução apresentem resultados diferentes se deve ao fato de que na produção de cada estilo de fala estão envolvidos processos específicos. Na fala espontânea parte do planejamento é realizado ao mesmo tempo em que ocorre a produção da fala.

Como, na leitura, o planejamento e a produção da fala não acontecem simultaneamente, a hipótese é a de que o falante preserve com mais frequência segmentos muitas vezes não realizados na fala espontânea, inclusive o R final de palavra.

A. O domínio de cancelamento do R em coda

As diferenças entre os índices de apagamento no meio e em final de vocábulo nos levam a acreditar que o cancelamento do rótico não está relacionado estritamente à posição mais débil na sílaba, a coda. Estar em coda silábica é, portanto, condição necessária, mas não parece ser suficiente para a aplicação do processo, visto que o cancelamento é muito mais frequente em posição de coda final, como em

verbos no infinitivo – *cantar, defender e construir* – do que em posição de coda medial como em *porta e sorvete*.

Tem sido postulada, assim, a hipótese de que o fenômeno do apagamento estaria relacionado ao tipo da fronteira prosódica em que se encontra o segmento (Callou e Serra, 2012), ou seja, o fenômeno não faria referência apenas ao domínio prosódico da sílaba.

II. OBJETIVOS

Os objetivos deste artigo são os seguintes:

- Estabelecer um confronto entre dois estilos de fala -- espontânea e leitura;
- Verificar se os resultados obtidos em trabalhos anteriores, para a fala espontânea, se confirmam na leitura.
- Verificar quais variáveis se mostram relevantes para o processo de apagamento do R na leitura e na fala espontânea, nas variedades do Português Europeu e do Português do Brasil.

III. O CORPUS

O *corpus* utilizado é composto por amostras de fala – entrevistas informais – de indivíduos cultos nascidos no Rio de Janeiro/BR e em Lisboa/PT, todos da faixa etária entre 25 e 35 anos e do sexo feminino. As gravações do PE aconteceram no ano de 2007 e as do PB foram realizadas em 2013. Após as entrevistas, foram realizadas as transcrições ortográficas e feita a leitura de alguns dos trechos ditos espontaneamente pelos próprios locutores que os produziram.

IV. O APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste trabalho aliaremos o aparato teórico metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) à teoria da hierarquia prosódica (Selkirk, 1984; Nespor e Vogel, 1986/2007).

B. Sociolinguística quantitativa laboviana

As mudanças linguísticas não ocorrem de maneira abrupta, mas sim por um processo gradual, em que duas ou mais variantes concorrem em um determinado período temporal.

Utilizando-se do arcabouço teórico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994), busca-se apresentar variáveis linguísticas e extralinguísticas que atuem no

processo do apagamento variável do *R* em duas diferentes comunidades linguísticas.

De acordo com essa teoria de mudança, a análise de dados empíricos nos permite conhecer e buscar a sistematização de usos linguísticos de uma dada comunidade, levando em conta fatores internos e externos à própria língua.

C. Teoria da hierarquia prosódica

Juntamente à abordagem sociolinguística, será utilizada neste trabalho a teoria da hierarquia prosódica. Segundo Nespor e Vogel (1986/2007), a fala é segmentada em constituintes hierarquicamente organizados, que, apesar de serem interdependentes, mantêm relação entre si. Os constituintes prosódicos não coincidem, necessariamente, com constituintes morfofossintáticos.

Para esta análise, serão utilizados apenas três dos sete constituintes prosódicos postulados pela teoria: a palavra prosódica (Pw), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP), visto que já foi apontada sua importância para o tratamento do fenômeno em questão (Callou & Serra, 2012; Serra & Callou, 2013).

Será testada a relação entre o tipo de fronteira prosódica em que o *R* está inserido – Pw, PhP ou IP – e a manutenção ou apagamento do segmento. Como será explicado detalhadamente no item D, a(s) fronteira(s) prosódica(s) mais alta(s) apresentaria(m) maior tendência de preservação do rótico.

D. Metodologia

A recolha dos *corpora* (quatro amostras do PB e quatro do PE) de fala espontânea e leitura se deu de acordo com as seguintes etapas:

- Realização de entrevistas informais;
- Transcrição das entrevistas;
- Pontuação das transcrições grafemáticas pelos mesmos informantes, ou seja, cada um dos informantes teve a tarefa de pontuar as transcrições grafemáticas de alguns trechos de sua própria fala;
- Leitura dos trechos de fala espontânea pelos mesmos informantes que cederam as entrevistas.

D. Variáveis e hipóteses

Na análise variacionista, foram testadas as seguintes variáveis - para PB e PE.

- 1) Classe morfológica – verbo / não-verbo.

O infinitivo verbal é marcado pelo acento e pela coda, logo, o rótico seria uma marca morfológica redundante e, assim, haveria maior tendência de queda do segmento.

- 2) Dimensão do vocábulo – uma / duas / três / + de três sílabas.

A partir da hipótese da saliência fônica, busca-se verificar se, em vocábulos maiores, há maior probabilidade do cancelamento do *R*.

- 3) Fronteira prosódica – palavra prosódica / sintagma fonológico / sintagma entoacional.

A última sílaba tônica do sintagma entoacional recebe o acento tonal, logo, nessa fronteira, se verificaria menor índice de cancelamento do *R*. Além disso, o contexto de pausa – diretamente relacionado à fronteira de IP – também inibiria o fenômeno do apagamento.

- 4) Estilo de fala – espontânea / leitura.

Na fala espontânea, diferentemente do que acontece na leitura, são realizados praticamente simultaneamente os processos de planejamento e produção de fala e, por isso, a hipótese é a de que o cancelamento do segmento seja mais frequente na fala espontânea. A presença da marca gráfica do segmento também pode ser um fator que contribui para que haja a recuperação do *R*, na leitura.

Para o PE, além dos quatro grupos de fatores citados acima, foram acrescentadas mais duas variáveis consideradas relevantes para a aplicação do fenômeno nessa variedade (Mateus & Rodrigues, 2004):

- 5) Contexto subsequente – pausa / consoante (o contexto de vogal foi excluído pela possibilidade de haver ressilabificação).

- 6) Tipo de consoante subsequente (cada uma delas).

A hipótese é a de que o contexto de pausa tenha a função de inibir o apagamento, bem como a presença de consoante de articulação aproximada à do rótico favoreceria o processo.

V. RESULTADOS ANTERIORES OBTIDOS NA FALA ESPONTÂNEA

Com relação à fala espontânea, já foram realizados inúmeros trabalhos sobre o cancelamento do *R*, principalmente no Português do Brasil (Leite, 2011; Callou, 1987; Callou, Leite & Moraes, 1996/2002; Hora & Monaretto, 2003; Abaurre & Sandalo, 2003), mas também no Europeu (Mateus & Rodrigues, 2004; Brandão, Mota & Cunha, 2003). De acordo com os resultados, acredita-se que o fenômeno do apagamento ocorra de forma gradiente, semelhante ao que foi proposto para a harmonização vocálica em Bisol (2011).

Alguns dos resultados obtidos na cidade do Rio de Janeiro mostram que houve um crescimento significativo nos índices de apagamento do *R* em posição de coda final, da década de 70 para a de 90. Esse crescimento, porém, foi mais expressivo na categoria dos não-verbos do que na dos verbos. Nos não-verbos, o percentual subiu de 3% para 66%, enquanto nos verbos a subida foi de 46% para 81% (Oliveira & Oliveira, 2012).

Em relação ao tipo de fronteira prosódica, Callou & Serra (2012) verificaram sua relevância no processo de apagamento do *R* na década de 70. O índice de apagamento na fronteira de palavra prosódica (Pw) era de 64%, nessa década, enquanto nas fronteiras de sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP), os índices encontrados foram de 34% e 39% respectivamente. Já na década de 90, as autoras constataram que essa variável perdeu força, ou seja, nem mesmo as fronteiras mais altas inibem o processo de apagamento.

Resultados anteriores relativos ao processo de apagamento no Português Europeu podem ser encontrados no trabalho de Mateus e Rodrigues (2004). Os índices de apagamento são muito baixos se comparados com os resultados encontrados no português brasileiro: 87% de realização contra 13% de não-realização. Um fator que se mostrou significativo para a manutenção do rótico, segundo a análise das autoras portuguesas, foi a presença de uma pausa logo após o segmento. O cancelamento do rótico apresentou maiores índices diante de um contexto de consoante do que de pausa.

VI. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao total, foram registradas 531 ocorrências de *R* em posição de coda silábica final: 154 referentes do PE e 379, ao PB. Os resultados obtidos mostraram que o fenômeno do apagamento atua de maneira diferente nas duas variedades. Os índices de apagamento no PB foram expressivamente maiores do que no PE (Figura 1).

A variável classe morfológica da palavra – verbos / não-verbos - não se mostrou significativa para o processo de apagamento no PE, embora haja uma tendência ligeiramente maior de apagamento em verbos (verbos: 20%; não-verbos: 13%). Já no PB, esta variável foi a que se mostrou mais relevante para o fenômeno de cancelamento do rótico, confirmando o apontado na literatura.

Como pode ser visto na figura 2, nos verbos, no PB, encontramos índice de 80% de apagamento, enquanto nos não-verbos, de 33%. Em função disso, foram separados os resultados, para que fosse possível obter uma visão mais clara da distribuição do processo.

As variáveis dimensão do vocábulo, estilo de fala e fronteira prosódica, assim como a variável classe morfológica, foram selecionadas como fatores relevantes apenas para o PB.

O grupo de fator *dimensão do vocábulo* se mostrou relevante nos resultados tanto de verbos quanto de não-verbos. Observou-se que o cancelamento do rótico ocorreu em maior porcentagem nos vocábulos maiores (de três ou mais sílabas), sendo retido mais frequentemente nas palavras menores.

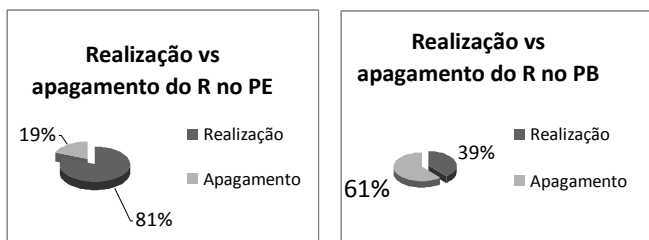


Figura 1. Distribuição geral do apagamento do rótico no PB e no PE

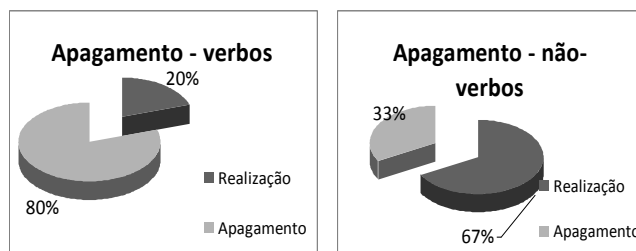


Figura 2. Apagamento do *R* em posição de coda final nos verbos e não-verbos

Estilo	Oco/total	%	P.R.
Espontâneo	124/138	90	.66
Lido	96/138	70	.34

Tabela a. Apagamento do *R* por estilo de fala em verbos, na fala de indivíduos nascidos no Rio de Janeiro/BR.

Contexto subsequente	Oco/total	%	P.R.
Pausa	1/26	4%	.17
Consoante	28/128	22%	.58

Tabela b. Apagamento do *R* em posição de coda final, na fala de indivíduos nascidos em Lisboa/PT.

Acerca da hipótese de que nas fronteiras prosódicas mais altas encontramos maior índice de preservação do segmento e nas fronteiras mais baixas, maior queda, foi verificado que em fronteira de palavra prosódica (pw), a mais baixa, o apagamento da coda é mais frequente, principalmente nos não-verbos. Apesar de no PE essa variável não ter sido selecionada, os resultados vão ao encontro da expectativa de que a fronteira de IP é a que mais bloqueia o cancelamento também nessa variedade.

No que se refere ao objetivo principal deste estudo, o confronto entre os estilos de fala, a hipótese postulada de que, na leitura, o falante retenha com mais frequência o segmento foi comprovada apenas para o PB. E nessa variedade a diferença entre os estilos de fala se mostrou significativa apenas para a classe dos verbos. Na fala espontânea, encontrou-se cancelamento do *R* em 90% dos casos, enquanto na leitura, de 70% (Tabela a). No PE, fala espontânea ou leitura não se mostrou um fator relevante, talvez pelo fato do processo de apagamento ainda estar em fase inicial na variedade europeia.

As duas variáveis testadas apenas para o PE foram as únicas apontadas como relevantes para o processo de apagamento do *R* na variedade europeia: (i) o contexto subsequente (tabela b) e (ii) o tipo de consoante subsequente.

Como visto na tabela b, em contexto de pausa, o índice de apagamento foi de apenas 4%, enquanto diante de uma consoante de 22%. A presença da pausa já havia sido mencionada em diversos trabalhos como fator significativo para a preservação do *R* final, o que tem relação com o tipo da fronteira prosódica. Essa relação se deve ao fato da pausa ser a

principal pista, tanto na produção quanto na percepção, para a presença de um sintagma entoacional. (Serra, 2009)

A variável tipo de consoante subsequente também já havia sido apontada como relevante para o processo de apagamento do *R* no PE, em Mateus e Rodrigues (2004). Foram encontrados os maiores índices de apagamento do *R* diante das consoantes *N* (46%), *P* (40%) e *M* (24%). Percebe-se que essas consoantes possuem como característica comum o fato de possuírem o traço [+ anterior], que compartilham com o rótico em coda no PE.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No PB, foram comprovadas as hipóteses de que ocorre maior índice de apagamento do *R* nos verbos (categoria em que o processo já está mais avançado) e de que, ao ler, o locutor tende a preservar mais o segmento que na fala espontânea, no que se refere aos verbos. No que se refere aos não-verbos, não há diferença expressiva entre as modalidades de fala. Além disso, o número de sílabas se mostrou um fator relevante para o apagamento: quanto maior a dimensão do vocábulo (maior número de sílabas), maior o índice de queda do segmento. Confirmou-se também que processo é sensível ao tipo de fronteira prosódica.

Já na variedade europeia, em que o fenômeno se apresenta de maneira distinta, constatou-se que o processo ainda se encontra em fase inicial e, talvez em decorrência disso, não seja ainda sensível à classe morfológica, à dimensão do vocábulo, ao tipo de fronteira prosódica e ao estilo de fala. Contudo, o fenômeno do apagamento do rótico se mostrou sensível a aspectos segmentais: é menos atuante em contexto de pausa e favorecido pela presença de uma consoante [+ant] no contexto subsequente.

VIII. PRÓXIMOS PASSOS

Pretende-se, nos próximos trabalhos, ampliar a amostra de dados do PB e, principalmente, do PE, para que possamos verificar com maior clareza como o fenômeno do apagamento do rótico se comporta nessas variedades do português.

Além disso, testaremos as variáveis contexto subsequente e consoante subsequente nos dados do PB, buscando verificar se se mostram relevantes também na variedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] C. M. B. LEITE. Estudo do /R/ em coda silábica medial e final no falar campineiro. In: Anais do VII Congresso Internacional da Abralín ISSN 21797145. Curitiba, 2011.
- [2] C. SERRA & D. CALLOU, "A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades". *Textos Selecionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 2013, pp. 585-594.
- [3] D. CALLOU & C. SERRA. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, no. Especial, p.41-58. 2012.
- [4] D. CALLOU. Variação e distribuição da vibrante na fala culta carioca. Rio de Janeiro, 1987. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- [5] D. CALLOU; Y. LEITE & J. MORAES. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: M. Abaurre &

- A. Rodrigues (orgs.) "Gramática do português fala VIII: novos estudos descritivos". Campinas, Unicamp/ Fapensp: p. 537- 555. 2002.
- [6] D. CALLOU; Y. LEITE & J. MORAES. 1996. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In Gramática do Português Falado vol. VI, I. Koch, (ed.), 465-493. Campinas: UNICAMP.
- [7] D. HORA & V. MONARETTO. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: D. Hora & G. Collischonn (orgs.). "Teoria Linguística: fonologia e outros temas." João Pessoa: Editora Universitária, p. 114-143. 2003
- [8] E. SELKIRK, "Phonology and syntax: the relation between sound and structure". Cambridge: M.I.T. Press. 1984.
- [9] L. BISOL. 1996. "O sândi e a ressilabação". *Letras de Hoje*, v. 31, n. 2, p. 159-168.
- [10] M. B. ABAURRE & M. F. SANDALO. Os róticos revisitados. In: HORA, D. & G. COLLISCHONN. (orgs.) *Teoria Linguística: Fonologia e outros temas*. João Pessoa, Editora Universitária: 144-180. 2003
- [11] M. H. MATEUS & C. RODRIGUES. "A vibrante em coda no Português Europeu", *Actas do XIXº Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística - Lisboa*, p. 289-299. 2004.
- [12] M. NESPOR & I. VOGEL. *Prosodic phonology*. Berlin: Mouton De Gruyter. Originalmente publicado em 1986 (Dordrecht: Foris).
- [13] I. OLVEIRA & A. OLIVEIRA. Trabalho apresentado na XXXIV Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- [14] S. F. BRANDÃO; M. A. MOTA & C. S. CUNHA. "Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo." In BRANDÃO & MOTA (orgs.) *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro, In-Fólio. 2003
- [15] W. LABOV. *Principles of linguistic change. Internal factors*. Cambridge, Blackwell. 1994.